

Sustentabilidade e música: uma visão enviesada

Manuel Veiga

19

Resumo

Revisão da exposição oral com necessárias adaptações e acréscimos. Observa o uso vulgarizado e abusivo de termos ligados à sustentabilidade, um neologismo dos anos 50. Colhe excertos de um prestigioso jornal diário de Salvador, num período de quinze dias, e panfletos publicitários tomados a esmo. Vai à rica polissemia do verbo “sustentar” e a conceitos técnicos de sustentabilidade. Retorna às origens de música, tomando “necessidade” como parâmetro, não processos e tipos de música. Interliga linguagem, música e religião como produtos coevos da capacidade de simbolizar. Recua a registros arqueológicos de instrumentos sonoros de 43 mil anos. Usa o desenvolvimento cumulativo das estruturas de consciência propostas por Jean Gebser para situar as origens nos estágios mágico e mítico. Retoma a questão da sustentabilidade optando pelo enfoque do *Homo musicus*, não de suas músicas e tradições, neste sentido, secundárias. Encara a complexidade de sistemas dentro de sistemas, usando um modelo cibernético tomado de Langness e uma adaptação do pensamento de Foucault sobre as áreas epistemológicas do domínio das ciências humanas. Tempos sombrios, à vista de múltiplos fatores além da explosão demográfica e do abuso dos recursos naturais fora de controle, pondera-se o poder da música de alterar comportamentos para facilitar um equilíbrio entre o homem e o meio circundante. Insiste, sobretudo, numa necessária reavaliação em etapas da Etnomusicologia e seus ramos, ao encontro de problemas fundamentais.

Palavras-chave: sustentabilidade; música; modelos analíticos.

Abstract

This revision of an oral presentation, with necessary adjustments and additions, begins by observing the abusive and vulgarized use of terms related to sustainability, a neologism from the 1950s. The research harvests excerpts from a prestigious daily newspaper of Salvador (Bahia), within a period of fifteen days, as well as brochures taken at random. Next, it goes to the rich polysemy of the verb "to sustain" and technical concepts of sustainability before a return to the origins of music, taking "necessity" as a parameter, not processes and types of music. Language, music, and religion are linked as coeval products of the human ability to symbolize. Looking to the archaeological record, 43,000-year-old sound instruments can be located. The use of the cumulative development of structures of consciousness proposed by Jean Gebser helps to situate the origins of music in the magical and mythical stages. The question of sustainability returns by opting to focus on *Homo musicus*, not his music and traditions, secondary in this sense. The complexity of systems within systems is faced with the help of a cybernetic model taken from Langness and an adaptation of Foucault's thinking about the epistemological domain areas of the humanities. With dark times in plain sight for multiple reasons, including population explosion and the abuse of natural resources, both out of control, the power of music to change behavior is pondered as a means of facilitating a balance between man and his environment. The conclusion insists forcefully on a necessary reevaluation of ethnomusicology and its branches, by stages, to identify their fundamental problems.

Keywords: sustainability; music; analytical models



Résumé

Révision de l'exposition par voie orale avec les ajustements nécessaires et des ajouts. On note l'usage vulgarisé et abusif de termes liés à la soutenabilité, un néologisme des années 50, en prenant des récoltes d'un quotidien prestigieux de Salvador, dans un délai de quinze jours et brochures prises au hasard. La riche polysémie du verbe «soutenir» y est prise et met en rapport avec concepts techniques de soutenabilité. Un retour aux origines de la musique prend «nécessité» comme un paramètre, pas des procédés ou des types de musique. La langue, la musique et religion sont reliées comme produits coexistents d'une capacité à symboliser. Des données archéologiques des instruments sonores vont à 43 mille ans en retrait. On utilise le développement cumulatif des structures de la conscience, proposé par Jean Gebser, pour situer les origines dans les stades magiques et mythiques. La question de soutenabilité revient, mais adressée à l'*Homo musicus*, lui-même, pas ses musiques et traditions, en ce cas secondaires. Face à la complexité des systèmes au sein des systèmes, il faut l'aide d'un modèle cybernétique emprunté à Langness et une adaptation de la pensée de Foucault sur les zones de domaine épistémologique des sciences humaines. Des heures sombres à la vue pour l'humanité, des multiples facteurs en plus de l'explosion démographique et l'utilisation abusive des ressources naturelles hors de contrôle, on s'interroge sur le pouvoir de la musique pour modifier les comportements et peut être faciliter un équilibre entre l'homme et son environnement. Au fin, on insiste fortement sur une réévaluation requise de l'ethnomusicologie et ses branches, pour répondre à des problèmes fondamentaux.

Mots clés: Soutenabilité; musique; modèles analytiques.

Estou convencido que a exploração da psique é a ciência do futuro [...] a ciência que necessitamos mais que todas, pois está gradualmente se tornando mais e mais óbvio que nem a fome, nem os terremotos, nem os micróbios nem carcinoma, mas o homem ele próprio é o maior perigo para o homem, já que não há defesa adequada contra epidemias psíquicas, que causam infinitamente mais devastação que as maiores catástrofes naturais.

Carl Gustav Jung

Um educador Hélio Rocha, aos noventa anos, disse que o idoso transita de uma idade da vaidade para uma idade da verdade. Tem razão o sábio mestre, mas não nos deu uma receita: as fronteiras entre a vaidade e a verdade são tênues. Cabe a um longo de grande sorte agradecer o convite para estar aqui — vaidade, tê-lo aceito — e também se desculpar pela sabedoria que não lhe chega — a verdade. Talvez o sábio seja o que nutre um grande respeito à vida, o nosso tema.

Um texto para ser falado e ilustrado, sujeito a condições do momento, até imprevisíveis e às vezes divertidas, difere de um texto para leitura silenciosa e aprofundada. São tecnologias intelectuais distintas de outras, anteriores e posteriores, do domínio das comunicações. Optei por temperar o que tentei ler na sessão com o fluxo continuado das preocupações.

Na correspondência anterior ao VI ENABET, trocada entre os participantes de painel, sua coordenação e a do grande evento, cuidou-se mais da divisão e utilização do tempo do que de uma divisão de tarefas. Presumi, diante da vasta experiência de campo e acadêmica dos colegas antropólogos de música, mestres na interpretação das culturas musicais, em particular no domínio de técnicas de levantamento, armazenamento e

transmissão de música, que tratariam de sustentabilidade em termos específicos de sustentabilidade de música e de tradições musicais, claro, sem perder de vista seus suportes humanos. A mim poderia caber uma abordagem mais genérica ainda que menos científica. A pergunta que me fiz ainda não me parece errada: a que nos levará tratar da sustentabilidade de música, em sentido amplo, se o próprio homem não subsiste?

Achei prudente rever os termos “sustentabilidade” e “inovação”, entre outros relacionáveis, surpreendendo-me a latitude alcançada com uma vulgarização que os tem tornado jargões não raro falazes, inúteis e contraditórios. Limitei a observação a menos de uma quinzena, a Salvador, às páginas de um de seus jornais diários e a panfletos tomados a esmo. A multiplicidade de usos e de manipulações, no caso do jornal centenário e respeitável, reflete sua necessidade de sobreviver face à obsolescência da mídia impressa. Os panfletos publicitários, até de concessionárias de serviços públicos de distribuição de energia elétrica na Bahia (a COELBA) iludem para venda de algum equipamento *dernier cri*, principalmente no caso dos multimídia.

Um “Manifesto pelo desenvolvimento sustentável de Salvador” na primeira página de *A Tarde* (26 ago. 2013), por exemplo, subscrito pelas entidades (sete) do setor de comunicação da Bahia afirma “sua preocupação com os impactos negativos da desregulamentação da LOUS – Lei de Ordenamento e Uso do Solo e do PDDU – Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Salvador.” Têm razão, se é por Salvador, hoje uma Chicago infernal de terceira classe, irreversível, em vias de parar.

Poucos dias depois, o “Editorial: Justiça mais ágil” (3 nov. 2013, Caderno A, p. 3) queixa-se:

A indefinição sobre o uso e ocupação do solo em Salvador paralisa a cidade e os reflexos são claros. Obras e investimentos são adiados, e a Associação de Empresas do Mercado Imobiliário (Ademi) alegou essa insegurança jurídica para cancelar o Salão de Negócios Imobiliários deste ano. O setor da construção civil, um dos mais importantes quando se trata da geração e multiplicação de empregos diretos e indiretos, encontra-se à mercê de ritos judiciais...

Se fôssemos cunhar um neologismo, “metropolicídio” iria bem para o assassinato de cidades. Nada diria sobre seus habitantes. É evidente que a ordenação do uso do solo e plano diretor que preocupam o setor de comunicação são as delícias do mercado imobiliário e da construção civil frustradas pelos “ritos judiciais”, sem dúvida os mais morosos do planeta.

As perspectivas demográficas globais (ver Anexo I) variam, mas a projeção moderada, para 2025, é de **8,5 bilhões de pessoas**, agravadas as condições nos países periféricos cada vez mais pobres. Note-se que a população mundial duplicou entre 1825 e 1925, de 1 bilhão para 2 bilhões, em cem anos. Duplicou novamente de 2 para 4 bilhões de pessoas nos próximos cinquenta anos apenas (1925-1975). Somente vinte e cinco anos (1975-2000) foram suficientes para alcançar 6 bilhões. O Brasil poderá passar de 190,7 milhões (2010) para 231 milhões de pessoas (2025), com São Paulo entre as principais megalópoles do mundo, já ostentando 21,68 milhões em 2020. A maioria desta população mundial, diz Boaventura de Sousa Santos (mais de 50%) “viverá em cidades congestionadas, sem habitação nem saneamento adequados, sem serviços soci-

ais mínimos, a braços com a fome e o desemprego de vastas massas de população, com o colapso ecológico e provavelmente a violência” (2013, p. 241).

Várias outras páginas da primeira edição citada do jornal baiano são sintomáticas: um “Bem-vindo o lixo zero” está no interior do primeiro caderno. Deixa para as manchetes “Bahia lidera entrega voluntária, mas crescem apreensões de armas” [376,3% de aumento das armas apreendidas] e, ao lado, com bem menos destaque, “Conflito: Casa de índio [Tupinambá] incendiada aumenta tensão em Buerarema.”

Música não poderia estar longe. Alguns dias mais tarde (01 set. 2013) o encarte *Muito*, do mesmo jornal, traz uma página assinada sob o título de “Hardcore sustentável”. Cito as primeiras linhas para quem pense em se situar: “Punk hardcore, com influência de Dead Kennedy, Ratos de Porão e Replicantes. O som está bem mais pesado. Efeito da nova formação, com a entrada do baixista”

Assim como os punks lutam pelo seu direito de serem individualistas (insustentabilidade?) e rejeitam normas sociais (sustentabilidade?), por via de um “som mais pesado”, Milan Kundera conquista milhares de leitores com *A insustentável leveza do ser* (1982) em que seus personagens experimentam à sua maneira, por força do acaso ou de suas escolhas, o peso insustentável da vida e a necessidade permanente de amenizarem a sua opressão.

A polissemia do termo “sustentabilidade” chama atenção, talvez seja uma advertência. O neologismo chega aos dicionários em meados do Século 20. “Sustentação” poderia ter sido o vocábulo utilizado (data do Século 13). Já “sustentar” (Século 14) — o verbo, as ações — merece de um grande dicionário, o *Morais*, amplamente seguido pelo *Aulete* e reordenado pelo *Houaiss*, nada menos que **46 acepções**. Alimentar (sustento físico) e lutar fazem parte do elenco. Valho-me do *Dicionário de Houaiss: sinônimos e antônimos*, 3. ed. (São Paulo: Publifolha, 2011), para que especialistas agrupem em categorias as ações implícitas no verbo “sustentar”: 1. **alimentar**, 2. **apoiar**, 3. **auxiliar**, 4. **carregar**, 5. **confirmar**, 6. **defender**, 7. **encorajar**, 8. **fortalecer**, 9. **honrar**, 10. **instruir**, 11. **manter**, 12. **prover**, 13. **resistir**, 14. **suportar**, 15. **suster**.

Como lexicógrafos são por ofício conservadores, o neologismo teria se cristalizado a partir de apreensões recentes, mais agudas, emergindo e conscientizando depois dos seiscentos ou setecentos anos do ontem, como de sempre, nada isentos de epidemias, flagelos, fome e guerras assustadoras.

O Repositório Institucional da UFBA coloca ênfase em conscientização, definindo sustentabilidade como

Proposta de conscientizar a civilização e suas atividades, de tal forma que a sociedade, seus membros e suas economias possam preencher as próprias necessidades expressando maior potencial no presente, e, ao mesmo tempo, preservar a biodiversidade e os ecossistemas naturais, planejando e agindo de forma a atingir proficiência na manutenção indefinida desses ideais. Deve ter a capacidade de integrar as questões sociais, culturais, energéticas, econômicas e ambientais (minha ênfase).

A *Wikipedia*, que merece ser consultada para um verbete extenso em que as dimensões mais técnicas da sustentabilidade são desenvolvidas, diz no primeiro parágrafo de “*Sustainability*”:

Sustentabilidade é a capacidade de resistir. Em ecologia, a palavra descreve como sistemas biológicos permanecem diversificados e produtivos ao longo do tempo. Florestas e terras úmidas de vida longa e saudáveis são exemplos de sistemas biológicos sustentáveis. Para os humanos, sustentabilidade é o potencial para a manutenção a longo prazo do bem estar, que tem dimensões ecológicas, econômicas, políticas e culturais. Sustentabilidade requer a conciliação de demandas ambientais, de equidade social e econômicas - também conhecidas como os "três pilares" da sustentabilidade ou (os 3 Es) [minha tradução e ênfase].¹

O olhar do cientista é aguçado pela necessidade de resolver problemas e decifrar enigmas. Deixa-se levar aos braços da matemática pura e da ciência das partículas até regiões que os sentidos do homem não podem alcançar. Persegue o infinitamente pequeno e o infinitamente grande, ao desafio de filósofos que limitam a própria possibilidade do conhecimento científico. Ainda assim, se investiga a transmissão da vida e seus códigos genéticos, revelando números estonteantes relacionados aos DNA. Vai-se não apenas ao nível celular, mas às moléculas para que processos neurais complexíssimos, que envolvem estímulos, percepções, memórias de curto e longo prazo, conversões, armazenamento sejam estudados; zonas de comprometimento do cérebro envolvidas sejam mapeadas, inclusive por tomografias computadorizadas, entre outros experimentos. Não tenho competência alguma para segui-los, mas me convenço da plasticidade do cérebro humano e da mente que nele se apoia. Seja o que se entenda por sustentabilidade, memória é parte dela. Se se acrescenta música, também é evidente que a audição e seus fenômenos têm de ser considerados.² É possível se falar de progresso nessas ciências desde quando há metas definidas, embora as discussões entre filósofos e cientistas estejam longe de um consenso. Não conseguem, entretanto, nos tirar dos predicamentos da sustentabilidade.

¹ “*Sustainability is the capacity to endure. In ecology the word describes how biological systems remain diverse and productive over time. Long-lived and healthy wetlands and forests are examples of sustainable biological systems. For humans, sustainability is the potential for long-term maintenance of well being, which has ecological, economic, political and cultural dimensions. Sustainability requires the reconciliation of environmental, social equity and economic demands - also referred to as the "three pillars" of sustainability or (the 3 Es).*” Acesso em 12.09.2013, no endereço <<http://en.wikipedia.org/wiki/Sustainability>>

² Dra. Alice Satomi recomendou-me que tratasse de poluição sonora e prevenção da surdez nesta apresentação já que tratamos da sustentabilidade da espécie que faz e ouve música. Estarão em anexo uns pontos lembrados sobre percepção musical (Anexo II) e ficará à disposição um Power-Point (<http://www.nemus.ufba.br/poluicao sonora.htm>) em que compilei dados, já provavelmente desatualizados e que não são meus, em que se apontava uma proporção de dois para cada três brasileiros portadores de problemas auditivos sem se quer saber que os tinham. Somos um país barulhento em que se confunde alegria com barulho e a surdez precoce se generaliza. Nem assim surdez é tratada como problema de saúde pública no Brasil, o que é inacreditável, mas não surpreendente já que, em relação aos demais sentidos, o da audição e o auditivo não estão sendo presentemente levados tão a sério quanto têm de ser.

O olhar abrangente do humanista é inexato, mas pode buscar configurações sem compromissos com progresso. Até aqui a inteligência humana não se reduziu às opções binárias dos computadores (não somos um deles), nem a IA pôde superar a neuroplasticidade de nosso cérebro, embora o complemento. Evidentemente, os vastíssimos recursos das redes de computadores e possibilidades multimídia não podem ser desprezados, mesmo ignorando o preço que estamos pagando e teremos de pagar por eles, já que de fato profundamente nos afetam. Estamos, no caso, divididos entre deterministas que acreditam que as tecnologias nos fazem ser o que somos, e instrumentalistas que afirmam poder desligar os botões quando bem queiram, como ocorreu com HAL no legado ficcional de Stanley Kubrick no *2001- uma odisséia no espaço* (1968). Mas a ironia de Kubrick é fazer os humanos se comportarem como máquinas insensíveis, enquanto o computador é o humano que sente e tem medo. Não há solução para o dilema, o mais provável sendo que a evolução de que somos o resultado venha sendo produto dos dois aspectos entremeados, tampouco linear como se acreditou no século passado.

Quanto às análises quantitativas em relação às qualitativas, talvez coubesse aqui mais uma citação de Jung: “Há quem diga que são os sonhos dos homens que sustentam o mundo na sua órbita.”

Em entrevista, o já mencionado Kundera falou de uma iluminação poli-histórica da existência. Precisava dominar a técnica das elipses em seus romances, a arte da condensação, senão cairia na armadilha da duração interminável. Indagado sobre as sete partes de uma de suas obras que poderiam ter sido sete romances diferentes, de tamanho razoável, explicou que se as tivesse feito menos elíticas teria perdido o mais importante: não teria sido capaz de captar num só livro a complexidade da existência humana no mundo de hoje (MAFFEI, 1988).

Que fiz então na apresentação do VI ENABET? A cabeça estava voltada para a relação entre religião e música que tentava concatenar havia vários meses.³ Achei que deveria recuar no tempo e pensar nessa relação em suas origens, hipoteticamente, mas não necessariamente mais simples. Ousei ressuscitar o problema aberto das origens de música, aquele que menos me tinha interessado na experiência de etnomusicólogo, e que tem estado em hibernação desde os 30 do século passado. Serviu-me de guia, como sempre, o discernimento de Bruno Nettl (2005), no caso, nas pegadas de Hornbostel, abordando a questão não em termos do que poderiam ter sido os primeiros sons humanamente organizados, ou tampouco os processos de como o *Homo sapiens* teria chegado a eles, mas pela questão da **necessidade de música**, seja ela o que tivesse sido ou o que seja, um dado da natureza do homem ou uma construção, como afirmou Nadel: “Podemos dizer que o material de música é artificial, um acréscimo à expressão natural através do som, e assim não encontrado neste último” (1930, p. 532). Não me parece um detalhe essencial. Coube ao autor de um clássico, Ernst Fischer, em *A necessidade da arte*, tratá-la também como “o meio de colocar o homem em estado de equilíbrio como

³ O fruto dessa preocupação será publicado pelo *Caderno CRH*, publicação quadrimestral do Centro de Recursos Humanos da FFCH da UFBA, disponível *on-line*. Sob o título “Religião e música: variações em busca de um tema.”

o meio circundante”, um reconhecimento parcial da natureza da arte e sua necessidade. Tratando de “A função da arte”, no singular, explica:

Desde que um permanente equilíbrio entre o homem e o mundo que o circunda não pode ser previsto nem para a mais desenvolvida das sociedades, trata-se de uma ideia [arte como substituto da vida] que sugere, também, que a arte não só é necessária e tem sido necessária, mas igualmente que a arte continuará sendo sempre necessária.

Uma questão mais abrangente, se possível, seria a do desenvolvimento da capacidade humana de simbolizar, da qual a linguagem, a música e a religião, todas tão comumente associadas, são aspectos. Essa capacidade é um dos traços essenciais do gênero humano e aquele que permite uma transmissão não presencial da experiência, isto é, da cultura. Quanto à evolução propriamente dita, no caso do homem, não o fez de sentidos mais aguçados e mais especializados que os de muitas outras espécies. O que nos tornamos, fundamentalmente, não especializados como somos, é fabricantes de extensões desses nossos sentidos que fazem as coisas por nós. Consciente da natureza especulativa e não comprovável de uma afirmação dessa ordem, ainda diria que música, linguagem e religião são coevas e ditadas pela necessidade de sobrevivência, isto é, sustentação da vida, sustentabilidade.

Não pretendo oferecer uma metanarrativa que tudo explique, o que a condição pós-moderna refuta. Tampouco pretendo reativar a concepção pitagoreana da harmonia das esferas, pela qual a música está presente no universo e cria a partir do caos.⁴ Apenas devo insistir que se algo é necessário é porque tem função, ou funções. Temos, entretanto, de reconhecer que o caráter abstrato e eminentemente formal da música, isto é, o problema de seu conteúdo, dificulta a consideração do aspecto social que também lhe diz respeito.

Deixando de lado as especulações de Rousseau, Herder, Darwin, Herbert Spencer, Richard Wagner, Carl Buecher, Karl Stumpf, sobre as razões de música, e os esforços de comparativistas mais preparados, como Curt Sachs, Marius Schneider e Walter Wiora para chegar a processos e tipos prístinos de música, o problema das origens de música ora retorna por via do interesse de novos psicólogos, etólogos e de biomusicólogos. A Biomusicologia, em seus vários ramos, se configura como **musicologia evolucionária** (estudo das origens de música, “música” de animais, pressões evolutivas sublinhando evolução musical, evolução de música e evolução humana), **neuromusicologia** (áreas do cérebro envolvidas no processamento de música, processos neurais e cognitivos desse processamento, ontogenia da capacidade e habilidade musicais) e **biomusicologia aplicada** (usos terapêuticos). Permanecem os estudos comparativos dos

⁴ Vale lembrar que a *Ode for St. Cecilia's Day* de Handel (HWV 76), de 1739, sobre um poema de John Dryden, ainda é uma concepção do *harmonia mundi*: “*From harmony, from heavenly harmony / This universal frame began. / When nature, underneath a heap / Of jarring atoms lay, / And could not heave her head. / The tuneful Voice, was heard from high, / Arise! Arise!* [De harmonia, de harmonia celestial / Esta moldura universal começou. / Quando a natureza, debaixo de um montão / De átomos vibrava, / E não poderia levantar a sua cabeça. / A voz melodiosa, foi ouvida do alto, / Levanta! Levanta!”]

usos e funções de música, consideração das vantagens e custos do fazer musical, e busca dos aspectos universais dos sistemas musicais e do comportamento musical. Em suma: fazem de tudo para desagradar os devotos sacerdotes da grande música, inclusive insinuar a possibilidade de uma das razões para a existência de música ter sido e seja assustar rivais ou aterrorizar hordas inimigas. Adeus abençoada harmonia.

Não nos adiantou muito olhar para um céu de mais de quatro e meio bilhões de anos, ainda mais considerando que a luz das estrelas e astros que nos chegam, tal as distâncias siderais percorridas, podem vir de corpos que nem mais existam. Aprendemos, contudo, que tudo acaba, inclusive as civilizações. Deixando de lado a astronomia e astrofísica, aplicamos redutores no retrocesso à escala dos que nos antecederam. Deixamos Lucy, com seus possíveis milhões de anos (quatro?), sem ignorar a labuta dos paleontólogos e arqueólogos. Julgamos insensato, entretanto, não recuarmos aos milênios mais recentes (setenta a cinquenta?) em que nossos ancestrais diretos parecem ter aprendido a organizar sons e articulá-los em símbolos.

Nessa busca retroativa, a obra magna de Jean Gebser (1905-1973), *The ever-present origin* ajuda nas articulações e conjecturas sobre o tempo. Poucos terão reunido subsídios de tantas disciplinas quanto o fez. Na ausência de datações científicas precisas, as estruturas de consciência que propõe podem ajudar a superar os vazios da documentação pré-histórica. Concebe também uma estrutura de consciência integral que é um porvir. A tabela sinóptica apresentada ao final de sua obra principal contém dezessete colunas distintas, seis delas subdivididas de dois a sete tópicos (GEBSER, 1985). À seleção por Georg Feuerstein de quatro delas (1987, p. 20) acrescentei, do original, a que enfoca formas de expressão. As traduções correm por minha conta.⁵

| ESTRUTURAS DE CONSCIÊNCIA | ESTADOS CORRELACIONADOS | BASES COGNITIVAS ENFATIZADAS | MODO DE APREENSÃO DA REALIDADE | FORMAS DE EXPRESSÃO |
|---------------------------|--------------------------------------------------------------------------|------------------------------|----------------------------------|--------------------------------------------------|
| Arcaica | Sono profundo | Nenhuma / Latência | Originário | — |
| Mágica | Sono | Emoção | Identificação pré-racional | Imagens gravadas, Ídolo, Ritual |
| Mítica | Sonho | Imaginação | Deuses | Deuses, Símbolo, Mistérios |
| Mental | Desperto | Reflexão | Abstração racional (causal) | Deus, Dogma (Alegoria, Credo), Método |
| [Racional] | [Esta é meramente a forma deficiente da estrutura mental de consciência] | | | |
| Integral | Transparência | Concrescência | Integração a-racional (a-causal) | (Divindade), (<i>Simérese</i>), (Diafaneidade) |

Diagrama 1: estruturas de consciência propostas por J. Gebser.

As estruturas de consciência em que terá sido possível a emergência de sentimentos religiosos, música e fala são as correspondentes ao mágico e ao mítico, um processo que terá levado milhares de anos, a par do desenvolvimento não linear do cérebro e do sistema neural, assim como das estruturas constitutivas do aparelho fonador.

⁵ Baseado no diagrama sinóptico ao final de *The ever-present origin* de Gebser, simplificado por G. Feuerstein. A “latência” é formulada em contrate a processos cognitivos mais complexos das outras estruturas, mas a estrutura arcaica poderia também ser dita como tendo sensação como sua base cognitiva.

A flauta mais antiga já descoberta pode ser a assim-chamada “flauta de Divje Babe”, encontrada na caverna eslovena Divje Babe I, embora isto seja controverso. É um fragmento do fêmur de um urso de caverna, datado de cerca de 43 mil anos. No entanto, se é um instrumento musical ou simplesmente um osso mastigado por um carnívoro tem sido debate aberto. Em 2012, porém, duas flautas que haviam sido descobertas na caverna de *Geißenklösterle* (Suábia), receberam um novo exame de datação de carbono de alta resolução produzindo uma idade de 42 mil a 43 mil anos. A evidência arqueológica que podemos ter é a de provável existência de instrumentos sonoros em torno de 43 mil anos.

Há pouca dúvida de que, por alguma razão, uma grande irrupção de criatividade e atividade inovadora ocorreu entre 40 mil ou 50 mil anos atrás que pode ter sido o resultado de mudanças menores, mas significativas, no cérebro humano. Aparentemente, as relações biológicas e culturais do homem, cujas formas e comportamentos de origem haviam evoluído juntos, lentamente, lado a lado, se alteraram: a evolução fundamental na mudança do corpo cessou, enquanto a evolução comportamental (cultural) se acelerou dramaticamente. Alguns recuam esses sinais a 60 mil anos atrás (BLAINEY, 2012, p. 12) e pelos 30 mil anos seguintes. Estudiosos da Pré-História e arqueólogos referem-se a esse despertar da humanidade como “O grande salto à frente” ou “A explosão cultural”. Seja que nome se dê é ainda um grande enigma.

Ao optarmos pela sustentabilidade do homem em vez de limitá-la a seus mundos musicais, passamos à complexidade imensa de sistemas dentro de sistemas, dentro de sistemas. As ideias de evolução, de cultura, de estrutura, de função e de relativismo continuam conceitos-chave da teoria antropológica, embora objetos de contestações e revisões (PERRY, 2003). Achei oportuno, mais uma vez, apelar para um modelo cibernético (apenas modelo para ordenar o pensamento, não metáfora para nosso cérebro). É extremamente simplificado e o tirei, com poucas alterações, de L. L. Langness (2005, p. 261):⁶

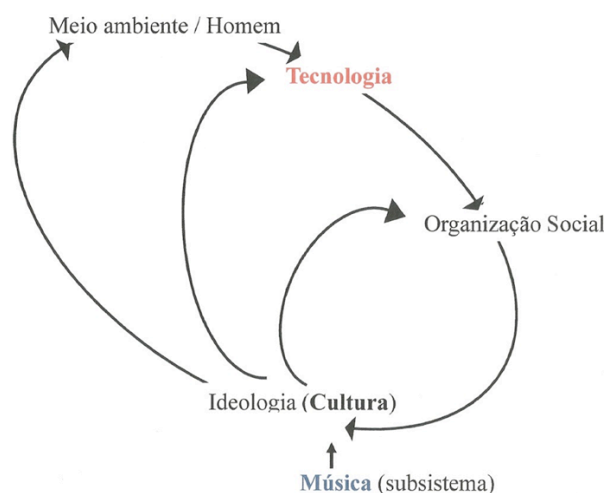


Figura 1: Modelo Cibernético de L. L. Langness.

⁶ A ideia de um sistema fechado em que tudo afeta tudo por um complexo sistema de feedbacks pelo qual um controle é estabelecido seria uma imagem do que pode ocorrer na realidade. Poder-se-ia pensar também do universo como um organismo, à maneira da hipótese de Gaia, embora seja controversa do ponto de vista da ecologia profunda.

O polinômio gerador converge no polo “Meio ambiente / Homem”, em função do qual, em qualquer tempo, “Tecnologia” surge como **mediação** entre os recursos naturais e as necessidades do homem. Aqui está sua criatividade que não se pode porém ter como ilimitada, a despeito do adágio popular dizer que “a necessidade é a mãe das invenções”. Essas tecnologias necessitam de suporte da organização social para que existam. O que hoje se constata é o problema muito sério da tecnologia deixar de ser uma mediação necessária para passar a ser um fim em si mesma. Tornou-se um polo crítico. É o que estamos presenciando pela aceleração vertiginosa da mudança tecnológica, não raro sem sentido.

Essa aceleração já era preocupação da UNESCO em torno de 1970, passando a pregar um planejamento cultural pelo relacionamento existente entre este e o desenvolvimento em geral. Augustin Giraud, a cujo cargo, na época, estava o Departamento de Estudos e Pesquisas do Ministério de Assuntos Culturais da França, foi encarregado de escrever uma obra sobre as múltiplas facetas da elaboração de uma política cultural, a qual poderia ser ainda útil. Quase ao fim de seu *Cultural development: experiences and policies*, reiterava (GIRAUD, 1972, p. 141):

O desenvolvimento cultural, como o visualizamos, não é meramente associado com desenvolvimento econômico: **é também uma condição essencial sem a qual a sociedade não pode adaptar-se ao progresso vertiginoso da tecnologia.** Fazer um povo capaz de entender e dar forma ao novo mundo, dar-lhe o poder de auto expressão e de comunicar-se dentro dos grupos pelo uso das linguagens de seu tempo, é um pré-requisito para educação continuada [*lifelong education*], ela própria a principal condição de desenvolvimento. Indivíduos, antes que possam lidar com as necessárias mudanças em processamento, devem ser primeiro capazes de lidar com a mudança, como tal; e esta capacidade eles podem somente adquirir através de uma série de processos – através da informação, da assunção de responsabilidade, de treinamento, de aprender como expressar-se – os quais, em combinação, constituem desenvolvimento cultural. Resistência à mudança prejudica mais o desenvolvimento do que até mesmo a falta de meios (nossa ênfase).

Do ponto de vista do polo da “organização social” (sociedade, economia política) poderemos também observar que o próprio sistema capitalista que adotamos como o melhor entre os piores é um indutor de obsolescência e de desperdício de recursos. É o economista Joseph Schumpeter (1883-1950) que falou da “destruição criativa” pela qual o capitalismo destrói o velho e cria o novo: capitalistas buscam sempre novos lucros e mercados para sobreviverem; a procura desses novos mercados origina inovações. Novos mercados e inovações implicam no deslocamento do capital (dinheiro) dos setores comerciais existentes devastando-os: o sistema destrói o velho e cria o novo.

A “organização social” necessita por sua vez de uma “ideologia”, ora cúmplice da destruição criativa que praticamos. Com suas mencionadas funções, estruturas, seus estágios evolutivos complexos, relativismos e valores, aqui está a “cultura” (e nela música) que, em última análise, dá sentido à vida. O problema é que estamos nos deixando dominar pela propaganda que tudo torna em mercadoria, inclusive o conhecimento que só passa a ser se tem valor de mercado. A necessidade de produtos novos nos é induzida antes mesmo de serem criados.

Entre um crescimento explosivo das populações e o desperdício de recursos a questão da sustentabilidade se avanta. Chegamos assim aos dias de hoje, dominados pelo espetáculo, mercantilizados, fragmentados, seduzidos pela diversão, pelo banal, e superficial.

Para focalizarmos música em contexto amplo, o modelo seguinte, inspirado em Foucault (1995, p. 372-384), também pode ser útil. Esquematiza os milhares de vozes, objetos, instituições, anseios, comportamentos, funções, ritos, significados que constituem o mundo da música em apenas três interfaces. Em comum, percorrem as regiões epistemológicas de domínio das ciências humanas, como Foucault sugeriu. A seta indica a sucessão diacrônica de estruturas sincrônicas (respectivamente, processos $t \neq 0$, e estruturas $t = 0$):

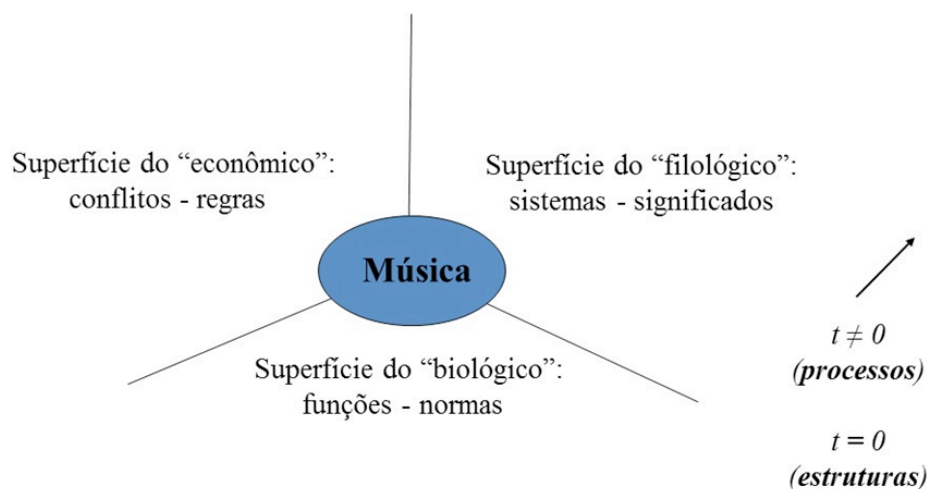


Figura 2: interfaces à Foucault aplicadas à música.

Questões desse tipo, ainda que abordadas por sábios especialistas isolados, serão sempre especulativas, mas não inúteis. São tantas e tão importantes as fragmentações das disciplinas acadêmicas que a nenhum de nós é dado dominá-las na transdisciplinaridade que ora se nos impõe. Boas obras de divulgação científica ajudam, mas não substituem o trabalho em grupo, nem essa interdisciplinaridade pode ser atingida por mero contato de pele, mas pela fusão de teorias na base das disciplinas interagentes e convergentes. Os subsistemas que pensamos como música são construções e projeções do sentido da audição, mas não só. Esse sentido tem bases biológicas evolutivas, sociais e culturais.

A lista de disfunções do *Homo sapiens* se manifestou nas mais diversas partes do mundo, no passado e no presente: senicídio ou geronticídio, sacrifícios humanos, suicídio, suicídio cultural, *sati* (prática de sacrificar viúva na pira funerária do marido), eutanásia involuntária e voluntária, suicídio assistido, assassinatos, genocídio, violência e guerra, o que me fez pensar num conceito de saúde cultural, acrescido à Bioética, cujos parâmetros de avaliação fossem os mesmos da saúde mental. Há indicações de que fomos canibais em nosso passado, como também nossos primos geneticamente mais próximos, os chimpanzés.

Lamento não ter conseguido chegar ao *Homo humanus* que gostaria que existisse. Tampouco sei dizer o que o *Homo musicus* pode fazer para ajudar. Pertencço a essa subespécie de indivíduos fracos, mas que sabem do poder da música até de induzir mudanças de estado psíquico, transe e êxtase. Mas como usar esse poder com sabedoria?

Concluindo: chegamos ao final do modelo civilizatório da modernidade, que se esgotou de maneira desigual. Precisamos construir uma utopia e estamos numa transição com assimetrias e desvantagens de todo tipo, perdidos sem saber para onde ir. Valho-me mais uma vez do sociólogo e filósofo ilustre de Coimbra, Boaventura de Sousa Santos, ao reiterar o que já havia observado Charles Fourier em 1841: “o grande pensador da utopia invectivava os cientistas sociais — que ele designava como ‘os filósofos das ciências incertas’ — por sistematicamente se esquecerem dos problemas fundamentais das ciências de que se ocupam” (SANTOS, 2013, p. 235).

A disciplina de Etnomusicologia parece estar diante dessa necessidade: cresceu, multiplicou, talvez esteja esquecida dos problemas fundamentais. A ideia de avaliá-la não será estranha a este Encontro, mas não se poderá fazê-la em evento de alguns dias, por mais profícuo e bem organizado que seja, como este é, mas em etapas articuladas e cumulativas. A Etnomusicologia Brasileira não se pode pôr de fora dos problemas do mundo, mas terá problemas específicos que também precisam definição. Isto também deve ser cogitado aqui. De resto, sustentabilidade é rezar pela emergência planetária das éticas ambiental, social e mental de que fala Dante Galeffi (2013), apoiado em Stéphane Lupasco.

Podemos cogitar de paliativos, inclusive pelo uso de música para educar, mas parecerão pueris diante das forças que nos esmagam e nos tornam robôs. Enfim, sejamos pó, e em pó nos revertamos... mas sob protesto.

Referências

ADORNO, Theodor W. *Introdução à sociologia da música: doze preleções teóricas*. Fernando R. de Moraes Barros, trad. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

_____. *Introduction to the sociology of music*. E. B. Ashton, trad. de *Einleitung in die musiksoziologie* [1962]. Nova York: Seabury Press, 1976.

BLACKING, John. *A commonsense view of all music*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

_____. “The biology of music making.” In: MYERS, Helen (Ed.). *Ethnomusicology: an introduction*. Nova York e Londres: W.W. Norton, 1992. 301-314.

_____. *Music, culture, and experience: selected papers of John Blacking*. BYRON, Reginald Ed. (Chicago Studies in Ethnomusicology). Urbana; Chicago, IL: University of Chicago Press, 1995..

BLAINEY, Geoffrey. *Uma breve história do mundo*. 2. ed. rev. atual. São Paulo, SP: Editora Fundamento, 2012.

BRYSON, Bill. *Breve história de quase tudo*. Ivo Korytowski, trad. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CANDÉ, Roland de. *História universal da música*. Eduardo Brandão, trad. 2 vols. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

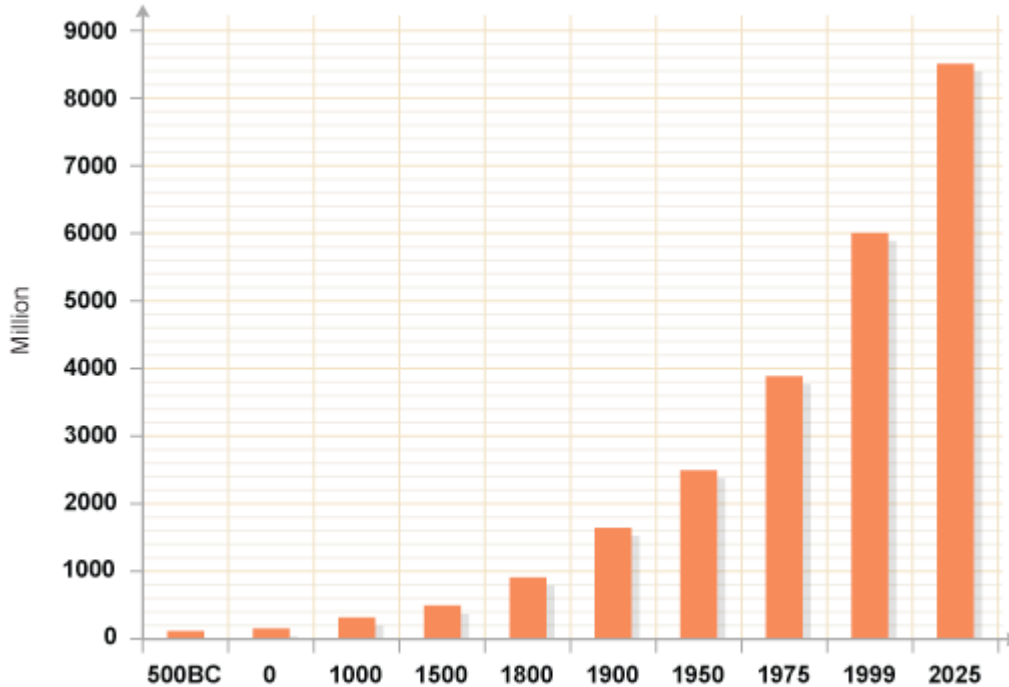


- CARR, Nicholas. *A geração superficial: o que a Internet está fazendo com nossos cérebros*. Mônica Gagliotti Fortunato Friaça, trad. Rio de Janeiro: Agir, 2011.
- CHAILLEY, Jacques. *40.000 ans de musique: l'homme à la découverte de la musique*. Reedição revista. Plan-de-la-Tour, Provença: Editions d'aujourd'hui, 1985.
- DEACON, Terrence W. *The symbolic species: the co-evolution of language and the brain*. Nova York: Norton, 1997.
- FERGUSON, Marilyn. *The brain revolution: the frontiers of mind research*. Nova York: Bantam Books, 1975.
- FEUERSTEIN, Georg. *Structures of consciousness: the genius of Jean Gebser: an introduction and critique*. Lower Lake, CA: Integral Publishing, 1987.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Salma Tannus Muchail, trad. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- GALEFFI, Dante Augusto. “Ética e complexidade: a emergência triética planetária”. In: AZEVEDO, Eliane S.; SALLES, João Carlos (Org.). *Ética e ciência*. Salvador: Academia de Ciências da Bahia, 2012. 65-104.
- FISHER, Ernst. *A necessidade da arte*. Leandro Konder, trad. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
- GEBSER, Jean. *The ever-present origin*. Noel Barstad; Algis Mickunas, trads. de *Ursprung und gegenwart* [1949 e 1953]. Athens, OH: Ohio University Press, 1985.
- GUERRERO, Angeles Gaviro; FRANCES, Peter (Ed). *Prehistoric*. Londres: Kindersley Dorling, 2009.
- HARRIS, Mervin. *Theories of culture in postmodern times*. Walnut Creek, CA: Alta Mira Press, 1999.
- HOWELL, F. Clark et al. *Early man*. Nova York: Time-Life Books, 1976.
- KHAZRAI, Houshang. “A psicologia da música: uma reflexão atualizada”. *Cadernos de pesquisa* [Universidade Federal do Maranhão]. São Luís: v.2, n.2, p. 143-155, 1986. <http://tinyurl.com/ov49vol> Acesso em 16 jun. 2013.
- LANGER, Susanne K. *Filosofia em nova chave*. Janete Meiches e J. Guinsburg, trad. e rev. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1959.
- LANGNESS, L. L. *The study of culture*. 3. ed. rev. Novato, CA: Chandler and Sharp, 2005.
- LEVMAN, Bryan G. “The genesis of music and language.” *Ethnomusicology*, v. 36, n. 2, 1992, p. 147-170.
- MAFFEI, Marcos (Ed.). 1988. “Milan Kundera”. In: *Os escritores: as históricas entrevistas da Paris Review*. Alberto Alexandre Martins e Beth Vieira, trads. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 315-327.
- MERRIAM, Alan P. *The anthropology of music*. Evanston, IL: Northwestern University Press, 1964.
- MITHEN, Steven. *The prehistory of the mind: the cognitive origins of art, religion and science*. New York: Thames and Hudson, 1996.
- NADEL, Siegfried. 1930. “The origins of music”. *Musical Quarterly*, v. 16 (1930), p. 531-546.
- NETTL, Bruno. *The study of ethnomusicology: thirty-one issues and concepts*. Nova edição. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 2005.
- PERRY, Richard J. *Five key concepts in anthropological thinking*. Upper Saddle River, NJ: Prentice-Hall, 2003.



- QUIGNARD, Pascal. *Ódio à música*. Ana Maria Scherer, trad. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- ROUGET, Gilbert. *La musique et la transe: esquisse d'une théorie générale des relations de la musique et de la possession*. 2. ed. rev. aum. Michel Leiris (pref.). Paris: Gallimard, 2008.
- SACHS, Curt. *The world history of the dance*. New York: Norton, 1937.
- _____. *The history of musical instruments*. New York: Norton, 1940.
- _____. *The rise of music in the ancient world, East and West*. New York: Norton, 1943.
- _____. *The commonwealth of the arts: style in the fine arts, music, and the dance*. Nova York: Norton, 1946.
- _____. *Rhythm and tempo*. New York: Norton, 1953.
- _____. *The wellsprings of music*. Jaap Kunst, ed. New York: McGraw-Hill, 1965.
- SACKS, Oliver. *Alucinações musicais: relatos sobre a música e o cérebro*. Laura Teixeira Motta, trad. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 2. ed. rev. Coimbra: Almedina, 2013.
- SCHNEIDER, Marius. "Primitive music." In: WELLESZ, Egon (Ed.). *Ancient and oriental music*. (The New Oxford History of Music, 1). Londres: Oxford University Press. 1957, p. 1-82.
- STORR, Anthony. 1993. *Music and the mind*. Nova York: Ballantine Books, 1993.
- VARGAS LLOSA, Mario. *A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura*. Ivone Benedetti, trad. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.
- WAECHTER, John. *Man before history*. Nova York: E.P. Dutton [para Elsevier-Phaidon], 1976.
- WIORA, Walter. *The four ages of music*. M. D. Herter Norton, trad. Nova York: Norton, 1967.
- WOLF, Josef et al. *The dawn of man*. Nova York: Harry N. Abrams Publishers, 1978.
- ZEMPLÉNI, Andras. 1981. "La musique et la transe" (resenha). *L'homme*, v. 21, n. 4 (oct. – déc., 1981), p. 105-110.

População Mundial ANEXO I



Percepção Musical ANEXO II

- **Base biológica extremamente complexa.**
- **Base psicológica:** cria “tempo” e “lugar”; **variáveis:** motivação, conhecimento, observação, compreensão = reinício do ciclo (espiral).
- **Base cultural e histórica.**
- **Normal:** Como seria? Outras espécies? Musicofilia, evolução.
- *Anormal: surdez (traumatismos, poluição sonora)*
- **Excepcional:** precocidade, talento?
- **Aberrante:** “alucinações” (Oliver Sachs).